

**RESENHA:**  
***HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Trad.  
de Fausto Castilho. Editora da Unicamp;  
Vozes, 2012. 1200p.***

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens<sup>1</sup>

---

A comunidade filosófico-acadêmica festeja a edição da nova tradução de *Ser e tempo* de Martin Heidegger. Considerada uma das mais importantes obras de filosofia na contemporaneidade, o trabalho magistral do pensador alemão, que já possuía uma versão brasileira, agora se torna acessível ao português por outra fonte. Assinada pelo professor emérito da Unicamp Fausto Castilho, a tradução constitui opção à precedente que, mesmo possuindo reedições, ainda fica aquém das expectativas do público estudioso. A nova tradução, que fora iniciada em 1949 (durante os anos estudantis de seu tradutor na Sorbonne), só foi ultimada na década de 1980, época na qual recebeu a revisão que lhe conferiria unidade terminológica e coerência em sua compaginação. Mesmo experimentado no ofício da tradução de clássicos, foi um risco o qual Fausto Castilho expôs-se ao traduzir *Ser e tempo*, obra sabidamente intraduzível de maneira plena e definitiva.

Se nos for lícito adotar, consoante a Paulo Rónai, o critério da legibilidade para apreciar um texto vertido de outro idioma, será preciso, então, reconhecer o êxito da presente tradução. Isso porque, com o novo *Ser e tempo*, mesmo sob uma primeira leitura, nos vemos diante de um discurso consideravelmente mais fluido, com fraseologia direta e isenta das afetações estilísticas cujo efeito artificioso só dificulta a interpretação do alemão peculiar com o qual se exprime aquela filosofia. As mencionadas qualidades dessa tradução em parte se explicam por uma maior literalidade do texto, esta que, aliada à ostensiva preocupação com a sintaxe das línguas portuguesa e alemã, resulta em melhor compreensibilidade.

---

<sup>1</sup>Doutor em filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, professor membro efetivo da Sociedade Brasileira de Fenomenologia.

Ao cotejarmos o novo texto em português com o original alemão, nota-se a tendência da tradução em privilegiar palavras cuja matriz latina é presente. Transparece, mesmo, o intento de o tradutor tomar por critério a utilização do vocabulário latino, quem sabe por acreditar que esse recurso à “língua-mãe”, nos poria em contato com a significação mais primordial dos termos portugueses. Acedendo a esta posição, concordamos que tal recurso metodológico possa propiciar escolhas plausíveis, como se vê na tradução dos termos “Umwelt” por *mun-do-ambiente* (anteriormente traduzido por *mun-do circundante*) e “Verweisung” por *remissão* (outrora *referência*). Outras escolhas do texto, se não agregam em refinamento, não trazem alterações de grande monta na terminologia filosófica de Heidegger, é o caso de: “Bewandtnis” e “Bedeutsamkeit”, respectivamente, *conjunção* e *significatividade* (onde se lia *conjuntura* e *significância*).

Uma leitura atenta da tradução, entretanto, nos dá mostra de que o recurso à etimologia latina não é algo que possa ser generalizado, principalmente quando tal procedimento desconsidera um cânon de tradução que vem sendo cunhado desde os anos 70, data em que, no Brasil, se publicaram as primeiras versões de Heidegger para o português. Deste modo, seguir a qualquer preço a referida orientação de tradução traz implicações indesejáveis que se apresentam, primeiramente, na forma de uma terminologia por vezes desajeitada, como a encontrada na transposição de “Geworfenheit” (= *jogado*) para o português como *dejecção*, esta que se pretenderia legítima apenas por preservar o radical latino “-ject-”, reforçando o parentesco semântico com o conceito de *projeto* (= “Entwurf”). Num segundo momento, o que poderia ser considerado um uso originário do latim nos induz a problemas conceituais, ao exemplo: a tradução da palavra “Verstehen” por *entendimento*, que, ao tentar aproximar tal vocábulo alemão do latino “intellegere”, acaba por colocar de lado o termo *compreensão*, crucial para a tradição hermenêutica que – de Schleiermacher a Dilthey – fala alto na filosofia heideggeriana marcando indelevelmente a obra aqui enfocada. Tal escolha ainda sugeriria a errônea interpretação de que o projeto da ontologia fundamental contido em *Ser e tempo* passaria por uma teoria de faculdades (faculdades dentre as quais estaria o entendimento, o que, absolutamente, não ocorre). Certo de que toda tradução guarda arestas, é preciso reconhecer que tradutor e editoras pretenderam rigor filológico no estabelecimento do texto. Prova disso, é que, diante da evidência das dificuldades específicas da matéria, a nova colação traz ao leitor brasileiro o texto bilíngue (a primeira que se tem notícia no Ocidente). Mais do que um requinte, trata-se de um recurso útil à pesquisa, benefício que devemos à louvável iniciativa das Editoras Unicamp (*Coleção Multilíngues de Filosofia*) e Vozes (casa editorial que detém os direitos de tradução de *Ser e tempo* para o português).